



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**  
**FACULDADE DE COMUNICAÇÃO**  
**CURSO DE BACHARELADO EM COMUNICAÇÃO**  
**COM HABILITAÇÃO EM JORNALISMO**

**PEDRO OTTO MATOS SOLEDADE**  
**TÁSSIA LIMA CORREIA**

**DA OCORRÊNCIA AO FATO:**  
**A IMPORTÂNCIA DA ROTINA PRODUTIVA PARA A REPORTAGEM**  
**POLICIAL**

Salvador

2010

**PEDRO OTTO MATOS SOLEDADE**

**TÁSSIA LIMA CORREIA**

**DA OCORRÊNCIA AO FATO:  
A IMPORTÂNCIA DA ROTINA PRODUTIVA PARA A REPORTAGEM  
POLICIAL**

Memória descritiva do documentário “Da ocorrência ao fato: a rotina do repórter policial”, apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel do curso de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo.

Orientador: Prof. Washington José de Souza Filho

Salvador

2010

## RESUMO

Esta memória descritiva apresenta os principais aspectos do vídeo documentário *Da ocorrência ao fato: a importância da rotina produtiva para a reportagem policial*, apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da graduação em Comunicação Social – habilitação em Jornalismo, na Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia.

O documentário tem como tema a rotina produtiva do repórter policial dentro do maior veículo de jornalismo impresso de Salvador – A Tarde. Outros momentos como seleção e apresentação do material noticioso também fazem parte dos processos em foco no documentário, assim como os desafios enfrentados pelo repórter – seja de natureza ética ou intrínseca à organização da empresa jornalística, como tempo e funcionamento da editoria, visão de mundo acerca dos fatos.

**Palavras-chave:** Vídeo documentário, Repórter, Rotina Produtiva

## AGRADECIMENTOS

Agradecer não cabe em palavras. Aqui, fica apenas um pequeno registro dos passos que nos trouxeram, Pedro e Tássia, à graduação (e nos conduziram através dela):

A minha mãe, Fátima Soledade, hoje museóloga, companheira de estudos no vestibular há pouco mais de cinco anos; dividimos a alegria da aprovação, os aprendizados e as dificuldades de nossos cursos: agradeço a ela o exemplo e a persistência. À irmã, Amanda, companhia das manhãs corridas de ir para a faculdade e deixá-la na escola: agradeço a alegria de ter aprendido a andar com mais calma. A Clara, arquiteta, irmã do meio, agradeço o elo que construímos, que nos permite falar sobre a vida com ou sem filosofia. Sou grato por contar com a inspiração dessas três mulheres. Aos meus “avós-pais”, “tios-amigos” e “primos-irmãos” – pelo suporte e sentido de família: é por todos que agradeço a Deus.

À minha mãe, Rosa Lima, por ensinar-me o valor do conhecimento, com um bem maior. A meu pai, Romario Correia, com quem aprendi o significado das palavras respeito, determinação e dignidade, para construir e trilhar meus caminhos profissionais. A uma fada madrinha, a melhor de todas, Sônia Costa, por apostar e prestigiar sua afilhada. A todos os mestres disfarçados de chefes que acreditaram em mim, quando muitas vezes hesitei sobre a profissão. São eles: Sérgio São Bernardo, Wladimir Cazé, Biaggio Talento e Paixão Barbosa. Agradeço também por me emprestarem seus olhos para que eu pudesse descobrir os caminhos mais diversos, possíveis e transformadores do jornalismo. E a Lisa, amor que me fez acreditar que anjos existem e existem de forma muito especial para cada um de nós.

Agradecemos, em especial, a oportunidade de compartilhar parte da vasta experiência profissional e acadêmica de nosso orientador, Washington de Souza Filho, que acolheu e conduziu nossos anseios no sentido de produzir com segurança este trabalho. Suas considerações foram de suma importância para que este produto final abarcasse com a devida atenção teorias e práticas, que consolidam nossa formação como jornalistas.

Cordial lembrança também aos profissionais do Laboratório de Vídeo da Faculdade de Comunicação, que estiveram presentes e contribuíram em diversos momentos da nossa produção.

Por fim, gratidão às amizades que encontramos durante o curso, com quem dividimos muitos desses passos e de quem ouvimos um sempre bom conselho de “calma, ainda é possível”. E um agradecimento especial, à nossa parceria e companheirismo recíprocos neste trabalho final: dividindo os aprendizados de nossa trajetória e as surpresas que ela ainda pode trazer.

## SUMÁRIO

<b>1. APRESENTAÇÃO</b>	5
<b>2. JUSTIFICATIVA</b>	9
<b>3. ABORDAGENS TEÓRICAS</b>	11
3.1. Jornalismo Impresso	11
3.2. A rotina como estratégia produtiva	14
3.3. Critérios de noticiabilidade como uma estratégia produtiva	15
3.4. Como vê, pensa e age o repórter policial em <i>Da ocorrência ao fato</i>	17
<b>4. PROCESSO PRODUTIVO</b>	21
4.1 Produção	22
4.2 Gravação	23
4.3 Edição	24
<b>5. CONCLUSÃO</b>	26
<b>6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	29
<b>7. ANEXOS</b>	
A - ORÇAMENTO	
B - ROTEIRO	

## 1. APRESENTAÇÃO

Quem compra um jornal ou revista em uma banca qualquer da esquina e encontra na leitura seu primeiro contato com matérias e reportagens publicadas não tem plena noção do complicado processo que aquelas informações sofreram até alcançarem seus olhos.

Diante da pauta, sugerida ou recepcionada pelos repórteres, inicia-se um complexo, porém nem sempre longo, caminho de entrevistas, pesquisas, redação e adequação. Um caminho que terá reflexos nas matérias e reportagens finais, e que constantemente interage (ativa e passivamente) com diversas camadas da redação e da sociedade.

“Sendo assim, o produto informativo parece ser resultado de uma série de negociações, orientadas pragmaticamente, que têm por objeto o que deve ser inserido e de que modo deve ser inserido no jornal, no noticiário ou no telejornal. Essas negociações são realizadas pelos jornalistas em função de fatores com diferentes graus de importância e rigidez, e ocorrem em momentos diversos do processo de produção.” (WOLF, 2003)

Com tantas variáveis e diante da responsabilidade que envolve a publicação de uma notícia, o tempo se torna um dos principais atores, ou vilões, da rotina de um repórter.

Além do *dead line* da edição e do espaço reservado para sua matéria, estão sempre presentes na mente do jornalista alguns critérios que irão lhe ajudar a hierarquizar as informações recolhidas e a decidir, ou não, por novas investidas para aprofundamento. Para o autor Mauro Wolf, os jornalistas dispõem de conhecimentos compartilhados que funcionam como “referências que podem ser utilizadas para facilitar a elaboração complexa e rápida dos noticiários”.

O documentário busca mostrar como esses conhecimentos são aplicados na luta contra o tempo e na busca por um material de qualidade. Aliado às freqüentes longas jornadas de trabalho, o tempo torna-se ainda mais preponderante, pois, de acordo com o autor francês Érick Neveu, o valor da instantaneidade proporcionado pelas novas tecnologias incide diretamente sobre a atividade. Assim, espremida entre o ritmo ditado pelos acontecimentos, pela dinâmica particular de cada redação e pelo *dead line*, a rotina do jornalismo encontra outro paradoxo: “A ocorrência mais freqüente no trabalho jornalístico é o acontecimento rotineiro previsível” (NEVEU, 2001). Ou seja, a rotina é sempre o pano de fundo da atividade jornalística.

Entende-se rotina, aqui, como “o contexto em que são adotadas as decisões” do jornalista (SOUZA FILHO, 2009).

Nesse mesmo sentido, é válida a avaliação da pesquisadora Zélia Adghirni no estudo sobre as rotinas produtivas de repórteres dos principais veículos nacionais em Brasília. Dentre suas conclusões destaca-se:

No exercício de suas *routines* produtivas o jornalista está mais para executor de ordens previamente estabelecidas (reuniões de pauta, sistemas de avaliação internos dos jornais, limitação das fontes, imposição de *dead lines*, matérias limitadas por um certo número de linhas que não podem ser ultrapassadas sob pena de serem sumariamente cortadas, enfoques determinados pelos editores, disputa do espaço com matérias de última hora ou com anúncios publicitários etc.) do que para super-herói que controla os deslizamentos da sociedade. (ADGHIRNI, 1997).

O que dizer, então, do charme aventureiro de dar a notícia em “primeira mão”, levar escândalos ao público ou cobrir acidentes e catástrofes imprevisíveis? Continuam integrando a rotina. Mas, ainda assim, como podemos observar no acompanhamento da atuação do repórter policial, há maior frequência de eventos programados que seguem as agendas de segurança, política, economia, esportes e sócio-cultural.

Destaca-se ainda a atuação das fontes (antes vistas tão somente como passivas) e assessorias de comunicação, hoje responsáveis por munir as redações (e não deixá-las esquecer!) de eventos, personalidades e pautas com a devida antecedência. No caso da rotina acompanhada em nosso vídeo, por exemplo, identificamos um contato constante e recíproco entre as fontes e o repórter. Contato este que muitas vezes irá direcionar o caminho para que as ocorrências tornem-se fatos.

Apesar dessa relação de interdependência é função do jornalista estar à frente do estopim e do desenrolar dos acontecimentos. Fundamentalmente, isso significa que uma de suas competências “(...) é também antecipar o imprevisto” (NEVEU, 1991), desenvolver a habilidade de selecionar e reconhecer no acontecimento os valores que o gabaritam como notícia: o valor da informação (*newsworthiness*). Essa é uma das habilidades que possibilitaria ao jornalismo integrar mesmo o “inesperado” à rotina produtiva.

Vale ressaltar que o conceito de rotina utilizado aqui nem sempre está evidente na mente do repórter. O profissional, muitas vezes, executa as etapas da rotina produtiva evidenciadas por Wolf (apuração, seleção e apresentação) como se fossem ações naturais. Ocorre certa imbricação entre o que entendemos conceitualmente por rotina e a palavra “rotina” com sua significação usual. Nesse contexto individual, rotina por diversas vezes aparece então em oposição ao “improvisado”.

No acompanhamento da rotina, buscamos também observar a influência dos critérios de noticiabilidade no trabalho dos repórteres. Por noticiabilidade, adotamos o conceito defendido por Gislene Silva.

“É reducionista, portanto, definir noticiabilidade ou somente como conjunto de elementos por meio dos quais a empresa jornalística controla e administra a quantidade e o tipo de acontecimentos ou apenas como o conjunto de elementos intrínsecos que demonstram a aptidão ou potencial de um evento para ser transformado em notícia. Noticiabilidade seria a soma desses dois conjuntos, acrescentada daquele terceiro que trata de questões ético-epistemológicas”. (SILVA, 2005)

A importância decisiva e a complexidade do trabalho do repórter sugerem que os processos que envolvem a profissão sejam cada vez mais estudados. A documentação da atividade, principalmente através do recurso de vídeo, é um instrumento capaz de representar o mundo social compartilhado nas redações e também pela academia na medida em que se propõe a refletir sobre os fundamentos da comunicação jornalística.

Tantas questões talvez ainda não tivessem vindo à tona quando decidimos realizar um produto de natureza prática: um vídeo-documentário. Se no início pensava-se em um trabalho sobre o momento da apuração, especificamente, caminhamos no sentido de ampliar o horizonte e cobrir a “rotina produtiva” de repórteres de três editorias de *A Tarde* – o maior e mais importante impresso do estado.

Com o avanço das discussões, percebemos que um novo recorte se tornara necessário. A lógica das editorias, a complexidade do processo de gravação e as especificidades que permeiam o trabalho de cada profissional nos levaram a selecionar apenas um setor: a editoria de polícia (chamada de Segurança, no jornal em questão). E assim aprofundar a discussão, não pelo que diferencia as editorias, mas sim por uma característica que as permeia: a rotina produtiva.

Fugindo um pouco das abordagens comuns sobre o jornalismo policial, mais pautadas na sua relação com o viés sensacionalista, o vídeo *Da ocorrência ao fato* investe na avaliação da importância da rotina produtiva como uma estratégia profissional e sua incidência sobre o “cotidiano” do repórter – provocando uma pequena tensão com o imaginário partilhado de caos e aventura constante, especialmente, numa editoria em que o senso comum já define como porta-voz do “mundo cão”.

Encontramos, durante a caminhada, muitas facetas deste “mundo cão”. Não é à toa que o produto foi batizado primeiramente como “*Dias de Cão*”, numa analogia entre a máxima de o jornalista ser o “cão de guarda” da sociedade e as dificuldades que ele encontra no dia-a-dia.



Dificuldades que vão desde a lógica de produção (tempo, *dead line*, deslocamentos...) até questões de natureza ética.

Com permissão da chefia de *A Tarde*, seguimos o repórter Samuel Lima em suas investidas pelas delegacias para “encontrar” matérias.

Para estruturar e reunir tudo o que foi discutido e produzido nos últimos meses, a seguir, apresentaremos:

a) na *Justificativa*, os “porquês”, motivações e pretensões deste trabalho de conclusão de curso;

b) no capítulo *Abordagens Teóricas*, uma exposição que compreende: questões sobre o jornalismo impresso; a rotina produtiva como um conceito; os critérios de noticiabilidade como estratégia produtiva; e a visão e o contexto em que está inserido o repórter policial no vídeo produzido.

c) no capítulo *Processo Produtivo*, uma análise do que representa o documentário para nosso trabalho e as etapas de produção do vídeo *Da ocorrência ao fato: a importância da rotina produtiva para a reportagem policial*.

d) por fim, cabe a avaliação sobre o produto e esta experiência que encerra nossa graduação.

## 2. JUSTIFICATIVA

A correria diária, necessária a quem precisa colocar nas ruas, todos os dias, um jornal de credibilidade, conteúdo e excelência, muitas vezes, cria uma forte neblina diante dos olhos dos que estão dentro ou à frente dessa responsabilidade. Ou seja, questões recorrentes e importantes, freqüentemente, são preteridas diante da pressão pelo fechamento de uma edição. No dia seguinte: novos desafios, pouco tempo e pouca disposição para retomar dilemas éticos, procedimentais, contextuais que permearam a edição anterior. Sendo assim, o processo de selecionar e reconhecer nos acontecimentos os valores que os gabaritam como notícia ocupa praticamente todo o tempo de análise dos repórteres e editores.

Esse ritual difuso na labuta cotidiana adentra o meio profissional sob o jargão do “instinto” ou “faro jornalístico”. Trazer a *noticiabilidade* do “senso comum das redações” para o plano da “reflexão crítica”, na qual o ambiente acadêmico “permite romper com uma cultura das redações que entende o jornalismo como um dom ou mera técnica” (VIZEU, 2000) é apontado como uma necessidade e campo de estudo.

O nascimento da profissão suscita, até hoje, diversas discussões a respeito da vinculação da atividade jornalística à academia. No dia 10 de junho de 2009, por exemplo, constava entre os julgamentos previstos do Supremo Tribunal Federal (STF) a seguinte pauta:

Sindicato das empresas de rádio e televisão no estado de São Paulo – Sertesp e Ministério Público Federal x União - Recurso extraordinário contra a obrigatoriedade do diploma de jornalista para exercício da profissão. O recurso contesta um acórdão do Tribunal Regional Federal da 3ª Região que afirmou a necessidade do diploma, contrariando uma decisão da primeira instância numa ação civil pública. No RE, o Ministério Público Federal sustenta que o decreto-lei 972/69, que estabelece as regras para exercício da profissão – inclusive o diploma – não teria sido recepcionado pela Constituição de 1988.

Por maioria, o Plenário do STF decidiu, no dia 17 de junho de 2009, pela inconstitucionalidade da exigência do diploma de jornalismo e do registro profissional no Ministério do Trabalho como condição para o exercício da profissão de jornalista. Entretanto, em dezembro do mesmo ano, a Comissão de Constituição e Justiça (CCJ) do Senado Federal voltou à carga e aprovou a proposta de Emenda Constitucional (PEC 33/09) na qual a formação acadêmica e devido registro profissional seriam incluídos na carta de 88. A pauta segue para o plenário do Senado para posterior apreciação pela Câmara.

Em paralelo aos julgamentos e decisões, correm os debates, questionamentos e defesas da obrigatoriedade do diploma. O então presidente da Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj), Sérgio Murillo de Andrade, escreve, em defesa da formação acadêmica, que:

A qualidade da formação do jornalista, tendo esta como pilar principal a graduação em curso específico de nível superior, tem sido uma das grandes preocupações e aspirações dos jornalistas brasileiros. Atentos a isto, a FENAJ (Federação Nacional dos Jornalistas) e os Sindicatos dos Jornalistas em todo o país não poupam esforços em fomentar a elaboração e o debate como também em propor e desenvolver ações visando contribuir e participar ativamente da construção da qualidade da formação em Jornalismo. (ANDRADE, 2006)

Nesse contexto, relatar como ocorre o trabalho do repórter contribui para a criação e defesa de novos argumentos no debate pela obrigatoriedade, ou não, da formação acadêmica para atuação no campo jornalístico.

As necessidades de acesso a informações pertinentes à vida fizeram do jornalista uma figura essencial à sociedade. Cabe à universidade, trazer para as discussões acadêmicas tais problemáticas, apontando, assim, soluções e alternativas. Mais que isso, analisar, esquematizar e registrar tais procedimentos, a fim de capacitar melhor seus estudantes e professores e construir um registro histórico de uma das atividades mais importantes do regime democrático.

Entretanto, se o distanciamento acadêmico recoloca a discussão no campo da “reflexão crítica”, conforme esclarece Zélia Adghirni (1997 *apud* TRAQUINA, 1993, p.167) as decisões feitas pelos jornalistas só se abrem ao entendimento e à reflexão quando inseridas no contexto de produção, por isso o acompanhamento da rotina é uma dentre as estratégias capitais da abordagem *newsmaking*.

A análise proposta neste memorial e o vídeo documentário *Da ocorrência ao fato* não almejam serem considerados obras fins nessa temática tão complexa. Justamente em oposição à idéia de conhecimento finito, o que propomos é mais um elemento de inquietação e estímulo ao interesse individual e ao desenvolvimento de novos estudos.

Falamos aqui da necessidade clara daqueles que precisam sempre e cada vez mais entender a comunicação jornalística. E, por isso, temos como público-alvo jornalistas experientes e “focas”; professores e estudantes de comunicação; assessores de comunicação e imprensa; fontes de informação oficiais, oficiosas ou leigas e todos aqueles que se interessam por essa profissão e atividade.

### 3. ABORDAGENS TEÓRICAS

A seguir, abordaremos alguns conceitos teóricos e avaliações contextuais que nos ofereceram uma maior segurança para tratar das questões práticas e embasaram a montagem, a condução e a análise do produto.

#### 3.1. Jornalismo Impresso

O momento é delicado para os jornais impressos. O assunto foi tratado pelo estudioso Lourival Sant'anna e ele é enfático em afirmar que, na arena da disputa econômica, a notícia de papel vem perdendo seu prestígio e, conseqüentemente, espaço no orçamento dos leitores e anunciantes. Vejamos:

A queda da circulação, do número de leitores e do tempo de leitura dos jornais coincide com o período de acirramento da concorrência de outros meios de informação, como a Internet, as TVs por assinatura, as emissoras de rádio noticiosas e até mesmo as revistas semanais informativas. Todos esses meios disputam com os jornais não só a atenção da audiência, mas também as verbas publicitárias – ambos, recursos finitos. (SANT'ANNA, 2008)

Um dos maiores desafios - isso porque questiona não só a necessidade dos impressos, como também sua forma de fazer jornalismo - é a Internet. Esse novo meio chega e avança sobre a população em uma época em que o tempo, artigo tão precioso ao jornalista, é completamente reconfigurado.

Se o rádio levou 38 anos para ter audiência global de 50 milhões de pessoas, a TV aberta, 16 anos, e a TV a cabo, dez, a Internet com a WWW precisou de apenas cinco anos para atingir 200 milhões de pessoas.

Nessa nova socialidade, a busca por informação - notícias e pesquisa - é a principal razão que leva as pessoas a acessarem a rede. A informação traduzida em bits requer parâmetros e potencializa características para a produção, redação, edição e publicação da notícia. (BARBOSA, 2001)

Essa nova lógica de produção e consumo de notícias abalou parâmetros há muito construídos por repórteres, editores, leitores e mesmo pelas fontes. A necessidade de documentar esse momento, então, dialoga com tal processo de transformação nas redações de impresso.

Na avaliação de Sant'anna, por exemplo, as principais desvantagens do impresso estão ligadas ao seu descompasso com a cultura das novas gerações. O autor lembra que para quem teve e tem contato com meios eletrônicos versáteis e dinâmicos, como os vídeos-games, o impresso pode revelar-se um “meio opaco, inerte e desinteressante”. A defasagem diante de

uma sociedade sedenta por atualizações constantes é outro problema em destaque. Para aqueles que levantam a bandeira das histórias bem contadas e contextualizadas como defesa para os impressos, o autor lembra que as revistas semanais podem cumprir esse papel com mais qualidade.

Mas nem tudo está perdido. Uma pesquisa de mercado realizada pelo Instituto CDN Estudos & Pesquisa, entre maio e julho de 2008, com leitores de notícias, maiores de 18 anos, que trabalham em empresas industriais, comerciais, de serviços e públicas; compara dados de 2003, 2005 e 2008 e conclui que, “apesar do crescimento da internet como meio de consulta de informações e notícias, o jornal impresso permanece como a principal e mais confiável fonte de informação”. A pesquisa aponta também a credibilidade do meio como a principal razão de confiabilidade dos leitores.

No texto de Sant’anna sobre o destino dos jornais, descobrimos algumas das possíveis características que mantêm esse lugar de preferência. Ele aponta pelo menos cinco desses aspectos. São eles:

- A) Graças a sua periodicidade de 24 horas, o impresso não “é quente demais”, como o rádio, a televisão e a Internet e, por isso, se afasta da identificação de “superficial e fragmentário”.
- B) O impresso é “objetivo sem ser raso e reflexivo sem ser evasivo”. Essas características negativas são atreladas às revistas, por exemplo.
- C) As redações de impresso são grandes. Sua estrutura logística é adequada. Os grandes jornais ainda são os que mais produzem conteúdo próprio.
- D) Seu suporte (papel), que a princípio poderia parecer antiquado, é um trunfo. Portabilidade e independência de aparelhos e conexões facilitam a vida do usuário.
- E) Para os anunciantes, os jornais impressos ainda são essenciais. Nesse meio, as empresas identificam um público de alto poder aquisitivo, os anúncios nele publicados adquirem prestígio para a marca, há uma circunscrição geográfica bem definida que permite

estabelecer clara estratégia espacial e há um conhecimento relativamente bom do perfil de seu público.

Apesar desses pontos positivos, é preciso destacar que essa relação de confiança não é inabalável e deve ser cuidadosamente cativada. Os impressos ainda caminham para descobrir onde estará seu novo nicho de mercado e também para se adaptar às constantes mudanças. Para Sant’anna, a reação dos jornais ao crescimento da internet passa pelo reconhecimento e investimento nas qualidades que os distinguem dos outros meios e não na imitação destes.

Diante desta escolha, é preciso destacar que nosso objeto de estudo possui características particulares, que o diferenciam em relação às demais mídias, e determinam sua rotina, conteúdo e forma.

Toda essa estrutura é baseada em células, chamadas notícias. Seu elemento básico é o texto, com grande suporte de imagens (fotos, gráficos, charges, infografias, etc).

Outra característica, também decisiva para o impresso, é seu caráter estático. Como o próprio nome anuncia, uma vez “estampado”, o jornal, independente dos novos fatos e repercussões, irá cumprir um novo ciclo com periodicidade de um dia. Ou seja, ao contrário de suportes como rádio, televisão e (essencialmente) a internet, o impresso não dispõe da possibilidade de novas inserções, de plantões de notícia, atualizações constantes, etc. Devemos lembrar que para contornar essa limitação foram criados mecanismos como a publicação dos segundos clichês, cadernos de últimas notícias, e outros. Mas, ainda assim, permanece a defasagem do impresso em relação às atualizações quase instantâneas da internet, rádio e televisão.

Vale destacar também que, a depender da editoria ou do caderno, tal rotina pode assumir uma periodicidade diversa. Por exemplo, o caderno *Empregos & Negócios* do jornal *A Tarde* é publicado somente aos domingos. Nesse caso, os repórteres trabalham em um ciclo semanal para realizar suas apurações.

No caso deste projeto, foi selecionada para análise a editoria chamada pelos jornalistas de Segurança<sup>1</sup>, que circula diariamente. Nessa lógica de análise, foram definidos para o acompanhamento do trabalho do repórter os dias, indicados por ele, como de maior movimentação.

---

<sup>1</sup>No jornal *A Tarde* essa editoria integra o caderno Salvador & Região Metropolitana, que aborda fatos e temas da rotina da cidade sede do veículo.

### 3.2. A rotina como estratégia produtiva

A produção diária de um jornal, nos mais diferentes formatos, exige plena capacidade de os meios manterem uma organização funcional das tarefas dentro e fora das redações e, assim, lidar diretamente com a confrontação do tempo e os limites do espaço e da empresa jornalística.

A despeito da mitologia e do imaginário que dotam o jornalista de características “polivalentes”, marcadas por mudanças repentinas durante o garimpo das notícias, nas quais o feeling e a habilidade sobressaem, a análise da cadeia produtiva noticiosa, segundo aponta o autor francês Érick Neveu, permite antever que a racionalização burocrática *weberiana* seria a responsável pela organização interna do fazer jornalístico e é o que permite transformar produções distintas em um todo coeso e dotado de sentido: o jornal.

Entre os personagens em questão estabelecem-se relações de força, conflitos e intercâmbio de papéis (de uma redação para a outra é comum variarem os nomes, mas as funções seguem quase inalteradas), além de servirem ao ponto central na cadeia produtiva que é o rígido controle do fator tempo.

Ao seguir a abordagem sociológica proposta por Neveu, é possível explorar três características-chave na atividade rotineira do jornalismo caracterizadas como “limites” à plena liberdade autoral e ao “caos” aparente no cotidiano dos profissionais da informação (NEVEU, 2001). São elas:

- A) A interação dentro das redações;
- B) O entendimento do jornalismo como um trabalho de rotinas
- C) A relação criada com as fontes

Tais constrangimentos, contudo, não significam que o jornalista seja reduzido a uma ferramenta dos grupos de comunicação ou que seu trabalho descambe para a monotonia, mas querem apontar que a atividade diária de produzir notícias está sujeita a pressões que, paradoxalmente, tornam o Jornalismo um trabalho assentado em hierarquias, rotinas e relações estreitas com os demais profissionais e personagens do campo e extra-campo.

Todas essas questões se somam na divisão do trabalho e na conformação de uma rotina, cujo principal motivador é a urgência do tempo.

A urgência constitui uma relação permanente com o tempo, que impõe o funcionamento de uma organização do tratamento das notícias rápida e racional, a antecipação até de falhas técnicas ou humanas e a adaptação à irrupção do

imprevisível. “O que dá charme a essa profissão é o lado estressante”. (NEVEU, *apud* ROZENBLATT, 1995).

De acordo com Gaye Tuchman, a atividade de levar os acontecimentos do dia-a-dia para as páginas dos jornais exige a formação de uma “rede noticiosa” (*News Net*) capaz de por ordem ao mundo social, que, contudo, representa a exaustão potencial dos recursos organizacionais de tempo e corpo profissional (*staff*) (p. 45).

Finally, the news net imposes a frame upon occurrences through the cooperation of the complex bureaucracy associated with the dispersion of reporters. Interactions within the bureaucratic hierarchy, reporters and editors jockeying with one another, may determine what is identified as news. Reporters compete one another for assignments. Editors compete with other editors to get assignments for their reporters and then negotiate to get their reporter's stories in the paper (...)" (TUCHMAN, p. 25)<sup>2</sup>

Como assinala a autora, a estruturação interna das redações, a rotina de produção “burocratizada”, se configura como um fator que incide diretamente sobre o enquadramento dos fatos.

### **3.3. Critérios de noticiabilidade como uma estratégia produtiva**

As decisões feitas pelos jornalistas só se abrem ao entendimento e à reflexão quando inseridas no contexto de produção, por isso, o acompanhamento da rotina é uma dentre as estratégias capitais da abordagem *newsmaking*.

Busca-se aqui atestar a incidência dos valores de noticiabilidade sobre a atividade dos jornalistas, contudo a definição dos critérios não deixa de suscitar mais discussões devido às diversas categorias e abordagens dos autores. Um exemplo é a definição trabalhada por Mauro Wolf (2003) sobre os “valores-notícia” como elementos componentes da noticiabilidade.

De acordo com Wolf, o processo informativo se dá em três fases: a apuração, a seleção e a apresentação às quais estão associadas rotinas específicas. Para cada uma delas os critérios de relevância operam em conjuntos ou “pacotes”. Como relata Thaís de Mendonça Jorge no livro *Manual do Foca*:

---

<sup>2</sup> “Por fim, a rede noticiosa impõe um enquadramento sobre os acontecimentos através da cooperação de sua complexa burocracia e dispersão de repórteres. Interações dentro da hierarquia burocrática, disputas entre repórteres e editores, podem determinar o que é identificado como notícia. Repórteres competem entre si por matérias. Editores competem com outros editores para conseguir as matérias para *seus repórteres* e assim negociam para colocar as histórias de *seus repórteres* na impressão”.



O valor-notícia é um conjunto de características que desperta a atenção, provoca o interesse ou confere relevância a determinados fatos que serão reunidos sob a forma de um produto específico do jornalismo: a notícia. Quem avalia o grau de *merecimento* de um fato para se tornar matéria noticiável (*newsworthiness*, ou julgamento noticioso) é o jornalista. Ele é o *newsmaker* (fazedor ou construtor de notícias).

Tais valores-notícia são para Wolf oriundos de critérios a) “substantivos”, que dizem respeito ao conteúdo dos acontecimentos a serem transformados em notícia, podendo ser a proeminência dos envolvidos ou o impacto sobre a nação; b) “relativos ao produto e ao meio de comunicação”, nos quais se somam às possibilidades técnicas de o fato ser tratado como notícia e se o fato se adequa, fornece material “bom” para a cobertura dos diferentes meios, seja imagens para TV, fotos e entrevistados para os impressos etc.; c) “relativos ao público”, que diz respeito à imagem que o jornalista faz do público ao direcionar-se a ele no texto e, por fim, d) “relativos à concorrência”, definidos pelo ambiente de competição entre os veículos.

É a escassez do tempo e de recursos que acentua a relevância de cada aspecto da noticiabilidade nas rotinas produtivas. Para a reflexão apresentada sobre a noticiabilidade como um ritual da rotina jornalística, será adotado ainda o viés da pesquisadora Gislene Silva, para quem “noticiabilidade” é entendida tanto como os mecanismos de controle da empresa jornalística no “tipo de acontecimento” que receberá o carimbo de *notícia* quanto os elementos (“potencial” e “aptidão”) intrínsecos aos fatos, acrescidos de questões ligadas à ética profissional. Da confluência destas três condicionantes a realidade é reportada, os acontecimentos são alçados a “fatos”, a notícia é construída.

Ao tratar de “tipos de acontecimentos”, Tuchman esclarece que as tarefas práticas do dia-a-dia acabam por diferenciar cinco categorias utilizadas na classificação das notícias de acordo com seu conteúdo. Baseado no estudo do autor Alfred Schutz, para Tuchman ao invés de “categoria”, que conota “análise formal” e definição trabalhada por pesquisadores, o termo “tipificação” seria mais adequado, pois a atividade de classificar baseia-se no contexto e na atividade cotidiana.

Dessa forma, fica claro porque os profissionais envolvidos com a rotina dificilmente conseguem estabelecer uma definição ou conceito para as categorias/tipificações, mas exemplificam e dificilmente divergem na classificação como expõe a socióloga.

As notícias *duras* (*hard news*) são caracterizadas como acontecimentos factuais, cuja apresentação a público é considerada valiosa e dependente da sua atualidade. Elas englobam acontecimentos potencialmente abertos à análise ou interpretação, como exemplifica Vizeu

(2000), “uma sessão da CPI dos precatórios (...) ou uma blitz da polícia num morro do Rio podem perder a atualidade se não forem dadas”.

Já a sua antítese, as notícias leves (*soft news*), comumente chamadas *feature* ou de notícia com “interesse-humano” não têm a urgência de serem levadas a público, pois não perdem a atualidade. Exposições de longa duração, matérias sobre personagens e curiosidades urbanas são exemplos oferecidos por Tuchman e Vizeu.

Na terceira tipificação, estão as notícias súbitas (*spot news*), aquelas não programadas e que devem ser processadas rapidamente. Por suas características próprias, os impressos costumam identificar as notícias súbitas com uma quarta tipificação, as notícias em desenvolvimento (*developing news*). A queda de um avião, o fato por si, apresenta-se com suas particularidades que serão acompanhadas e “desenvolvidas” ao longo da cobertura; números podem mudar, causas serão apontadas, dramas serão recontados de forma que a história inicial terá um progresso a ser explorado.

Por fim, as notícias de seqüência (*continuing news*) dão conta de todos os acontecimentos já previstos pela rede noticiosa, incluindo seus possíveis desdobramentos. Ao antecipá-los, os veículos são capazes de manter uma organização e definir estratégias, controlar os fatores tempo, espaço e trabalhadores (*staff*), para também dar conta das exigências de eventos imprevisíveis.

Thus far, the examination of time and typification suggests that newswriters use typifications to transform the idiosyncratic occurrences of the everyday world into raw materials that can be subjected to routine processing and dissemination. Typifications are constituted in practical problems, including those posed by the synchronization of newswriting with how occurrences generally unfold. They impose order upon the raw material of news and so reduce the variability (idiosyncrasy) of the glut of occurrences. (TUCHMAN)<sup>3</sup>

### **3.4. Como vê, pensa e age o repórter policial em *Da ocorrência ao fato***

“Todo jornalista está dentro de uma estrutura empresa-redação-editoria” (NEVEU, 2001). Ao pensar nesta configuração do campo jornalístico, o autor expõe um “princípio de oposição, transversal e interno às redações”.

---

<sup>3</sup> “Até então, o exame do tempo e da tipificação sugere que os profissionais da informação usam as tipificações para transformar os acontecimentos idiossincráticos do mundo cotidiano em matéria-prima que pode sujeitar-se ao processamento rotineiro e à disseminação. As tipificações se constituem problemas práticos, incluindo aqueles impostos pela sincronização da produção noticiosa com a maneira como os acontecimentos geralmente se sucedem. Elas impõem ordem sobre a matéria prima das notícias e assim reduzem a variabilidade (idiossincrasia) da *fartura* de acontecimentos”.

O valor dado às editorias varia de acordo com a publicação: algumas especializações – como “política” e “finanças” – têm status de “editoria nobre”, em oposição às “especialidades mais populares” – como “geral” e “esporte”. A primeira página do jornal costuma espelhar essa “hierarquia” através do processo descrito por Neveu como “reconstituição”, que dá liberdade para as editorias nobres se apropriarem de qualquer assunto, contanto que este renda “uma primeira página”.

Integrando o grupo das editorias “mais populares”, a cobertura policial ganha ou perde visibilidade a depender da orientação editorial dos jornais. Esta constatação faz o autor Mário Erbolato ultrapassar o jogo das editorias e caracterizar os veículos de acordo com seu posicionamento. Distingue-se assim uma imprensa dita “popular”, na qual os assuntos de polícia são carro chefe, e os noticiários “tradicionais ou conservadores”, que tendem a reduzir o espaço dessa cobertura.

Entretanto, os temas e ocorrências serão apresentados ao público, invariavelmente, pelos veículos. Nas palavras de Erbolato “Difícilmente um crime deixa de ser noticiado. Boa parte da imprensa brasileira admite o fato policial como um atrativo para o público leitor.” (ERBOLATO, 1981).

Em *Da ocorrência ao fato*, o editor de política, Flávio Oliveira, oferece um vislumbre de como os assuntos de polícia são tratados por *A Tarde*. Na fala do editor, ele considera como uma mudança oportuna o enfoque conferido à editoria de “polícia”, hoje compreendida como de “segurança”, incluindo até mesmo a política de segurança pública governamental.

Outro dado revelador é a posição da editoria no material impresso: integrando o caderno Salvador & Região Metropolitana. Um caderno que sugere pautas que devem estar inseridas no cotidiano dos cidadãos. Assim, eventos que se relacionam com os demais acontecimentos da cidade, temas ligados a saúde, serviços e segurança aparecem no *A Tarde* como elementos integrados à cidadania.

Se o repórter está inserido neste contexto editorial, precisamos então voltar a atenção para a cidade que ele busca cobrir e os assuntos com que lida diariamente em nome da sua editoria, oferecendo uma representação da segurança pública, da violência, do crime e sua relação com os soteropolitanos.

Já na abertura do documentário, trazemos dados sobre a criminalidade em Salvador e falas que situam o espectador sobre a realidade que será encontrada pelo repórter Samuel Lima durante o acompanhamento feito por nós do seu trabalho.

Ao “tensionar” as fronteiras do que é “recriminável socialmente” para levar notícias ao público, ficam evidentes os recortes de realidade e os frágeis limites das escolhas que determinam os caminhos da reportagem.

Neste ponto, recuperando mais uma vez a fala de Flávio Oliveira, o repórter na Editoria de Segurança deve se deparar com “um lado da sociedade que muitas vezes as pessoas não querem lidar” – esta foi a deixa para a inserção no vídeo das histórias dos acusados encontrados por Samuel durante a ronda que o levou à delegacia de Periperi. Histórias que detêm características “curiosas” e, ao mesmo tempo, não deixam de ilustrar a fala do editor.

Ainda na redação, a informação de que um homem teria sido preso tentando furtar no pátio de uma delegacia chamou a atenção de Samuel. Este é o primeiro acusado com que o repórter teve de “lidar”. Um “antigo conhecido do delegado”, como o mesmo faz questão de apresentar, Ivan Vieira pouco fala, não tenta se defender e nem sequer responde às perguntas do repórter. O delegado, então, assume o seu lugar de fala e é através dele que conhecemos um pouco da “história” do acusado. Na versão “oficiosa”: um homem viciado em *crack*, apelidado de “Mãozinha” por cometer diversos furtos nas redondezas e que já escapou de algumas tentativas de linchamento feitas “por populares”. Ouve-se no vídeo um questionamento quanto ao futuro de Ivan – o delegado está cético que ele sobreviva ou se recupere do vício e expõe a crença de que, estando em reclusão, a integridade física do acusado estaria “melhor preservada”. Um cafezinho servido a Ivan pelo delegado fecha a seqüência, dando uma dica da informalidade que poderia existir dentro da delegacia, enquanto isso, o repórter registra suas últimas anotações para a possível matéria que circularia no dia seguinte.

Logo em seguida, entram outros dois detidos: André Luís e Josenildo Reis, acusados de furtar bolsas de mulheres. Enquanto André está numa situação semelhante à de Ivan – já “fichado”, conhecido dos policiais, e quase sem falar, Josenildo se diz inocente. “Tava com a pessoa errada na hora errada” é a sua alegação.

Ambos escondem o rosto e, apesar de não ser nossa intenção fazer um documentário a respeito da criminalidade ou entrar na seara da “representação” dos criminosos, a seqüência é mais do que representativa da experiência cotidiana do repórter. Para concluir esses casos, “a câmera” passeia pela edição de *A Tarde* e localiza os textos publicados sobre as apurações: apenas duas notas.

Trazemos então uma avaliação de Samuel que coloca em sua perspectiva o papel do “editor”, “da chefia, da cúpula do jornal” na escolha do que é publicado e como é publicado. Como provocação, inserimos um estudo da autora Suzana Varjão que oferece uma análise sobre a problemática da representação das vítimas de violência, em quantitativo de matérias divulgadas sobre homicídios nas classes “mais favorecidas” e “menos favorecidas”, nos principais jornais de Salvador - *A Tarde* incluído.

Era importante evidenciar a percepção do repórter sobre os critérios utilizados no garimpo das pautas e sua avaliação sobre as características das histórias para se tornarem notícia, em outras palavras, sua percepção sobre os “critérios de noticiabilidade”. Na visão de Samuel, o relevante é o que causa “impacto” e é isto o que o orienta. Ele faz ainda uma ressalva sobre a “banalização” do crime e o enfraquecimento das notícias sobre “pessoa envolvida com o tráfico de drogas” como um alerta para os jornalistas.

Temos, então, os três elementos com os quais a pesquisadora Gislene Silva definiu noticiabilidade: os mecanismos de controle da empresa jornalística – o interesse da “cúpula do jornal”, nas palavras de Samuel; “a capacidade de gerar impacto” como uma aptidão intrínseca dos fatos e as questões ligadas à ética profissional - como o cuidado com a banalização dos crimes que mais se repetem no dia a dia.

Como já nos tinha alertado Tuchman, sem muitos “conceitos”, o profissional das redações exemplificou com sua prática um dos pontos-chave para a criação de uma rotina capaz de “impor ordem” ao grande volume de acontecimentos que se sucedem.

Concluimos nosso documentário com uma narração de Samuel sobre a apuração da queda de um avião carregado com milhões de dólares em São Sebastião do Passé, município na região metropolitana de Salvador. Com um quê de aventura, a sequência traz para *Da ocorrência ao fato* a possibilidade de acompanhar uma cobertura com todos os ingredientes que seduzem e atraem os amantes do jornalismo. Ficam evidenciadas a rapidez de resposta do jornalista e do jornal para garantir a cobertura do fato, além da própria natureza da ocorrência.

Uma história com contornos de drama pela morte dos ocupantes da aeronave, de inusitado pelo “dinheiro que caiu do céu” e foi parar nas mãos dos habitantes da região, rendendo uma importante cobertura para Samuel, deslocado até a região para apurar os fatos e acompanhar a ação da polícia no caso. A matéria emplacou a primeira página de *A Tarde* no dia 15 de março de 2007 e marcou a trajetória profissional de Samuel.

Isto, para nós, serviu não somente como uma forma de atestar o funcionamento da rotina produtiva, a “antecipação do imprevisto” como pontuado por Neveu, mas também

como uma deixa para convidar todos aqueles que têm interesse pelo jornalismo a aprofundar-se na reflexão sobre este importante campo de estudo.

#### **4. PROCESSO PRODUTIVO**

Apesar de a temática escolhida para este trabalho – a importância da rotina produtiva no campo jornalístico – abrir espaço para uma abordagem teórica, nós optamos pela realização de um produto audiovisual por este possibilitar o registro do nosso objeto de estudo, além de aproximar a discussão da prática jornalística.

Não buscamos encontrar conclusões ou assertivas sobre o tema, mas sim levantar questões a serem trabalhadas e discutidas. O documentário surge, então, como uma solução para que tais questões sejam explicitadas a partir da própria construção prática da atividade.

De acordo com o cineasta Silvio Da-Rin, o termo “documentário” em língua inglesa surgiu pela primeira vez no ano de 1926 numa crítica do documentarista escocês John Grierson sobre o filme *Moana* (Robert Flaherty – 1926) veiculada em jornal de Nova York. Com o tempo, diversos cineastas se apropriaram desta linguagem e diversificaram a forma de realizá-la. Deste modo, também, diferentes concepções de documentários passaram a concorrer entre si.

Diante da dificuldade de definir o gênero documentário, o autor Bill Nichols propõe um conceito criado a partir da oposição aos filmes de ficção, experimentais ou de vanguarda. Já para Da-Rin, a melhor forma de estabelecer uma definição que integre as diferentes visões compartilhadas sobre o “documentário” é com o uso do conceito de um outro teórico, Christian Metz, no qual o documentário se enquadra como um entre os “grandes regimes cinematográficos”. Da-Rin prefere tratar a idéia de regime como sendo um “domínio, entendido como âmbito de uma arte”, que possui fronteiras próprias e gravita em torno de uma tradição comum.

A fim de sistematizar o estudo sobre o tema, Nichols propõe uma série de características recorrentes em documentários e que nos ajudariam a identificar esse tipo a partir de sua visualização. Vejamos:

"Há normas e convenções que entram em ação, no caso dos documentários, para ajudar a distingui-los: o uso de comentário com voz de Deus, as entrevistas, a gravação de som direto, os cortes para introduzir imagens que ilustrem ou compliquem a situação mostrada numa cena e o uso de atores sociais, ou de pessoas

em suas atividades e papéis cotidianos, como personagens principais do filme" (NICHOLS, 2005)

Devemos ressaltar que tais características não criam uma camisa de força para os cineastas, nem esgotam as análises desse regime cinematográfico. Ao contrário, as infinitas possibilidades de criação e a mente inventiva dos cineastas questionam, alteram e reinventam constantemente os caminhos que levam ao produto final.

Em *Da ocorrência ao fato*, por exemplo, optamos por conduzir a narrativa apenas com os testemunhos de nossos personagens, dispensando o uso do narrador em “voz off”. Como explicam Consuelo Lins e Cláudia Mesquita em “*Filmar o real*”:

Nota-se uma tendência a exploração dos depoimentos como vozes over, sem reproduzir a cena da entrevista. No plano sonoro, portanto, as falas dos personagens são usadas como “narração”, através da montagem de fragmentos de narrativas. (...) Imagem e som não se subordinam mas dialogam, sugerindo relações intrigantes pouco óbvias. (LINS; MESQUITA, 2008).

Nichols destaca ainda que os documentários não devem ser entendidos como uma representação da realidade, muito menos uma “reprodução da realidade”. O conceito se aproxima mais de uma representação do "mundo em que vivemos", da "representação de uma determinada visão do mundo". Ou seja, "A lógica que organiza um documentário sustenta um argumento, uma afirmação ou uma alegação fundamental sobre o mundo histórico, o que dá ao gênero sua particularidade" (NICHOLS, 2005). Fica evidente que tal característica de apresentar um recorte social - uma representação – diferencia a produção do documentário de um “mimetismo” da realidade e, como expõe Da-Rin, constitui-se na própria tradição que permeia o domínio cinematográfico documental.

Desde a primeira vontade de fazer um vídeo sobre o trabalho do jornalista, até nosso produto final, descobrimos que o cineasta que se propõe a filmar o real irá se deparar com uma série de imposições e desafios criados por um mundo que nem sempre está disposto a seguir seu roteiro, entregar-lhe a resposta almejada e quiçá responder suas perguntas. A todo tempo, nossas decisões produtivas foram guiadas pelo diálogo entre nossa visão de mundo a respeito do trabalho do repórter, a visão dele mesmo acerca de seu trabalho (além da realização de um vídeo documentário sobre ele) e a decorrência dos fatos em si.

Podemos dividir essa realização em três grandes etapas. São elas:

#### **4.1 Produção**

Dois meses antes do início das gravações, foi feito um pedido de autorização junto à chefia de redação do jornal *A Tarde*. Nesse momento, foram apresentados três possíveis repórteres que poderiam ser acompanhados no trabalho de documentação da rotina de apuração. A partir das indicações, das sugestões de editores, dos horários de trabalho e da disponibilidade do repórter foi escolhido o jornalista Samuel Lima.

A partir desta definição e da autorização por parte dos dirigentes do jornal, foi feito um levantamento dos horários e dias de trabalho do repórter escolhido e agendadas as datas de gravação.

## **4.2 Gravação**

No primeiro dia de gravação, em 5 de outubro de 2009, foram entrevistados três editores seguindo critério de experiência, relação com a editoria de segurança e disponibilidade. São eles: Paixão Barbosa, diretor da Agência A Tarde; Luiz Lasserre, editor de Local/Segurança; e Flávio Oliveira, editor de política. Nestas entrevistas, além de informações sobre orientações de pauta e apuração, foram feitas considerações sobre a especialidade da reportagem policial. Neste mesmo dia foram feitas imagens da redação, do funcionamento das editorias e do trabalho dos repórteres, para serem usadas como cobertura de áudio.

O segundo dia de gravação, 6 de outubro de 2009, começou com a chegada de Samuel à redação, no início da tarde. Acompanhamos seus primeiros passos em um dia rotineiro de trabalho: as dificuldades e as decisões de apuração.

Para este dia não havia nenhuma matéria especial prevista. A ronda, em sites de notícias e telefonemas para fontes específicas, também não revelou nenhum fato relevante para maiores investidas de apuração. Deste modo, seguimos Samuel em uma ronda presencial às principais delegacias da cidade em busca de fatos e possíveis matérias. Destas passagens, apenas na Delegacia de Periperi, Samuel aprofundou o trabalho de apuração, a partir de informações do delegado chefe a cerca da realização de duas prisões. Ainda passamos por mais duas centrais de polícia e encerramos o trabalho quando Samuel decidiu retornar à redação.

O roteiro inicial previa o acompanhamento de pelo menos quatro dias sequenciais com o repórter. Mas, por questões externas à produção do documentário, o trabalho de gravação foi interrompido para ser retomado no semestre seguinte.



Assim, o terceiro dia de gravação ocorreu em 27 de março de 2010. Desta vez optamos por um sábado, já que segundo o próprio repórter, aos finais de semana a “rotina” costuma ser diferenciada. Nessa oportunidade, novamente acompanhamos a chegada de Samuel à redação e sua apuração na rua. Também não havia previsão de matéria especial e a ronda da redação não sugeriu nenhum caso que tenha sido aprofundado por nosso repórter. Seguimos novamente para o “trabalho de rua”. Durante todo o dia, o roteiro da equipe de reportagem foi alterado por telefonemas: contatos externos e da redação.

Houve um alarme falso de assassinato no Largo dos Dois Leões, uma morte natural que chegou a ser anunciada como homicídio no bairro de Periperi, um pedido de ajuda em uma matéria sobre Meningite em Valéria e outro provável assassinato no bairro de São Caetano. Nenhuma apuração foi aproveitada para a edição do dia seguinte. Encerramos nosso trabalho novamente com a volta de Samuel à redação.

Na segunda-feira, 28 de março, voltamos para nosso quarto dia de gravação. Avaliamos a pauta prevista para Samuel e decidimos acompanhar seu trabalho, por telefone, da sede do jornal. Aproveitamos para fazer imagens do maquinário industrial de impressão, da redação, e da fachada do prédio. Mais uma vez, nosso repórter enfrentou dificuldades para encontrar “uma boa pauta” e só voltamos a encontrá-lo no fim da tarde para entrevistá-lo sobre o trabalho de apuração e sua rotina de trabalho.

Depois de reuniões com repórter, editor responsável e orientador, decidimos concluir o trabalho de gravação.

### **4.3 Edição**

A decupagem foi feita no Laboratório de Vídeo da Faculdade de Comunicação e para isso levamos cerca de uma semana. Escolhemos os melhores tempos de imagem e sons para, a partir daí, elaborar o roteiro de edição.

Com o material necessário em mãos, começamos a elaboração do roteiro. A construção obedeceu a critérios de dinamismo e didatismo. Nosso objetivo era falar sobre a importância da rotina no processo de apuração jornalística de forma mais didática e interessante, através da linguagem audiovisual.

Por isso, optamos por usar os trechos de entrevistas mais diretos e ilustrativos sobre o tema e destacar os momentos de registro do trabalho do repórter.

Já durante o processo de decupagem, verificamos a necessidade de exemplificar um momento de “fuga de rotina” vivenciado pelo repórter. Como não havíamos conseguido isso

durante as gravações, optamos por ilustrar uma das histórias contadas por ele com fotos e reprodução de matérias, material que foi levantado junto à *Agência A Tarde*.

Com intuito de enriquecer o vídeo, em seu aspecto informativo, incluímos dados estatísticos sobre o registro da violência em Salvador e trechos de análise de conteúdo sobre o material de reportagem policial. Outros recursos pensados para dinamizar o vídeo foram as animações gráficas e a trilha sonora.

A edição foi realizada com dois profissionais da área que dividiam o trabalho de montagem e finalização. Ao longo desse processo, as principais alterações foram propostas pelos editores no sentido de enriquecer as animações sugeridas. Da captura à finalização, a edição foi realizada em uma semana (entre 20 e 28 de maio de 2010).

## 5. CONCLUSÃO

Concluimos esse trabalho com uma série de indagações e curiosidades acerca da atividade jornalística e do formato que escolhemos. Entre nossos principais aprendizados está a capacidade de reconhecer as infinitas possibilidades e desafios de se utilizar o recurso vídeo e falar sobre jornalismo.

É como se nos perguntássemos a todo tempo: e se tivéssemos acompanhado mais repórteres que atuam na cobertura policial? Talvez não seria melhor, então, expandir nossa análise e registrar a reportagem em diferentes editoriais? Mas, nesse caso, não faria falta ao trabalho retratar o processo de seleção e adequação da notícia? E ainda, existe um tempo ideal de observação para quem deseja alcançar conclusões sobre a rotina produtiva? Deveríamos ter gravado mais... ou não.

Estivemos no bairro da Liberdade, centro de Salvador, à procura de um homicídio; de lá partimos para Valéria, comunidade já na saída da capital baiana, no sentido da BR 324 rumo ao interior. Ali, buscávamos saber sobre um possível caso de morte por meningite. Ao fim do mesmo dia, chegamos ao bairro de São Caetano, no Subúrbio Ferroviário, onde Samuel deveria apurar as causas de outra morte.

No último cenário, quando entrávamos na Rua Direita da Goméia, sentimos o burburinho provocado pela presença da reportagem. Algumas pessoas, muito prestativas, indicavam o local onde alguém havia morrido, outras se aglomeravam só querendo saber do acontecido. Entre tantas, uma fala que indicava a casa procurada nos chamou atenção: “é aquela ali, rebanho de urubu”, disse um rapaz seguindo seu percurso montado em uma bicicleta.

Neste caso específico, não havia homicídio. Fora apenas um “acidente doméstico” e a “pauta caiu”. A seqüência sequer chegou a ser usada em *Da ocorrência ao fato*, por questões técnicas, mas nos serviu como um chamado à reflexão sobre a atividade do repórter e essa representação junto à sociedade.

Vivenciar a rotina do repórter trouxe uma nova visão sobre a profissão, seus desafios e realizações. Ao passo que nos fez retomar muitos conceitos e teorias trabalhados em diversas disciplinas ao longo do curso de Comunicação Social - Jornalismo.

Um caso emblemático foi nossa visita à delegacia de São Caetano, que rendeu boa parte do material audiovisual apresentado. Foram diversas as cenas que nos chamaram atenção pelo teor de comédia e mesmo de irreverência que encontrávamos.

O delegado em questão, Deraldo Damasceno, protagonizou diálogos como um em que é chamado de pai por um dos presos; noutra ele troca conselhos e “focacas” com uma vítima presente na delegacia para registrar queixa de agressão; por fim ainda oferece um cafezinho a um de nossos acusados presente no vídeo.

Damasceno, fonte habitual de jornais e programas televisivos de Salvador, é conhecido por sua característica “performática”. Mais à frente, percebemos como esses indicativos mereciam um olhar mais criterioso de nossa parte. A relação entre fonte e repórter em especial na área policial talvez tenha carecido de maior atenção de nossa parte. E é possível que a escolha do formato vídeo tenha influenciado essa perspectiva.

Essa experiência apontou para um possível maior aprofundamento teórico sobre nosso objeto de documentário. Deste modo, a proposta de simplesmente acompanhar e documentar o dia a dia de repórteres de impresso por meio do audiovisual tornou-se o desafio de orquestrar teoria e prática para construção de um produto esteticamente agradável, mas com conteúdo instrutivo sobre o tema. Apostamos na abordagem sobre rotina produtiva como fio condutor de nossas observações.

Fica a sensação de que muitos outros filmes e abordagens são possíveis e deveriam ser produzidos para dar vazão à complexidade de tal tema. Não temos aqui a pretensão de extinguir as inquietudes sobre o campo jornalístico, do contrário, suscitá-las.

Parte da idéia de filmar o trabalho de reportagem surgiu de uma conversa informal com outro colega de curso. A poucos meses de sua formatura, ele reclamava do fato de ainda não saber ao certo como era desempenhado o trabalho de um repórter. A produção de *Da ocorrência ao fato* nos mostrou não só como essa aproximação é possível através do vídeo, mas também como a observação da prática pode suscitar maior interesse pelos estudos teóricos sobre o tema. Torna-se clara, então, a necessidade de aproximar o estudante das práticas cotidianas de sua profissão e dos enlaces que se travam diariamente nas redações com as Teorias do Jornalismo.

Focamos a apuração e suas rotinas por ser apontada como um dos principais diferenciais do bom jornalismo, mas sabemos que o produto acabado, a notícia, ainda terá uma longa cadeia de exigências a cumprir antes de chegar às bancas e aos consumidores. Nessa teia, há ainda o papel das fontes, da recepção e dos próprios meios como exemplos de possíveis caminhos de estudo.

É a esse jogo diário que se lançam os jornalistas. Nele devem se adequar, captar o esquema de funcionamento e, com bloco e caneta em mãos (ou quaisquer outros recursos que a tecnologia ofereça), lançarem-se à narração dos fatos. Uma cadeia de atividades, operações e relações profissionais - que passa despercebida pela maioria das pessoas quando lêem as notícias – mas que recomeça a cada *nova* jornada de trabalho.

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADGHIRNI, Zélia Leal. **Routines produtivas do jornalismo em Brasília**. In: MOUILLAUD, M.; PORTO, S. D. (Org.). O jornal - Da forma ao sentido. Brasília: Paralelo 15, 1997.

ANDRADE, Sérgio Murillo de. **O ensino, a formação específica e a valorização da profissão de jornalista no Brasil**. Biblioteca da Fenaj, 2007. Disponível em: <http://www.fenaj.org.br/biblioteca.php#busca> . Acesso em 10/06/2009 às 8:27h .

A TARDE. Salvador: Grupo A Tarde, 1912 -. Diário.

BARBOSA, Suzana. **Jornalismo online: dos sites noticiosos aos portais locais**. Artigo apresentado no XXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação-Intercom, Campo Grande (MS), 2001.

DA-RIN, Silvio. **Espelho Partido. Tradição e Transformação do Documentário**. Rio de Janeiro:Azougue, 2004.

ERBOLATO, Mário. **Jornalismo Especializado**. São Paulo: Atlas. 1981.

\_\_\_\_\_. **Técnica de Codificação em Jornalismo: redação, captação e edição do jornal diário**. Petrópolis: Vozes, 1978.

JORGE, Thaís de Mendonça. **Manual do Foca: guia de sobrevivência para jornalistas**. São Paulo: Contexto, 2008.

LINS, Consuelo; MESQUITA, Cláudia. **Filmar o real: sobre o documentário brasileiro contemporâneo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

MACHADO, E. **O Ciberespaço Como Fonte para os Jornalistas**. Salvador: Calandra, 2003.

NEVEU, Érick. **Sociologia do jornalismo**. Tradução de Daniela Dariano. São Paulo: Loyola, 2006.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Campinas: Papyrus, 2005.

NOBLAT, Ricardo. **A Arte de Fazer um Jornal Diário**. São Paulo: Contexto, 2007. (coleção comunicação)

SCHUDSON, M. **Discovering the News. A Social History of American Newspapers**. New York: Basic Books, 1978.

SILVA, Gislene. **Para pensar critérios de noticiabilidade**. Disponível em <http://posjor.ufsc.br/public/docs/141.pdf> . Acesso em 05/07/2009.

SITE DO SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL, **Pauta de julgamentos previstos para a sessão plenária desta quarta-feira (10)**. Disponível em: <http://www.stf.jus.br> . Acesso em 05 de jul. 2009.

SITE DO SENADO FEDERAL, **Exigência de diploma para jornalista poderá constar da Constituição**. Disponível em: <http://www.senado.gov.br> . Acesso em 13 de mai. 2010.

SOUSA, Jorge Pedro. **Elementos de Jornalismo Impresso**, Biblioteca On-Line de Ciências da Comunicação da Universidade da Beira Interior de Portugal. Porto: 2001. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-elementos-de-jornalismo-impresso.pdf>. Acesso em 04/06/2008 às 19:00h.

SOUZA FILHO, Washington José de. **O Brasil do horário nobre: a construção da notícia nacional e os critérios de noticiabilidade em cinco telejornais brasileiros**. 2009

TUCHMAN, Gaye. **A objetividade como ritual estratégico**: uma análise das noções de objetividade dos jornalistas. In: TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo: questões, teorias e "estórias"**. Lisboa: Vega, 1993.

\_\_\_\_\_. **Making News. A Study in the Construction of Reality**. New York: The Free Press, 1978.

VARJÃO, Suzana. **Micropoderes, macroviolências: mídia impressa/aparato policial**. Salvador:EDUFBA,2008.

VIZEU, Alfredo. **Decidindo o que é Notícia**. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/vizeu-alfredo-decidindo-noticia-tese.pdf> . Acesso em 27/11/09.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação de massa**. São Paulo: Martins Fontes: 2003.

## ANEXO A. ORÇAMENTO

	Unidade de Medida	Valor Unitário (R\$)	Quantidade	Total (R\$)
Fitas de vídeo Mini-DV	Unidade	10,00	5	50,00
Mídias (CD)	Unidade	0,70	20	14,00
Mídias (DVD)	Unidade	2,00	2	4,00
Papel A4	Resma (500 folhas)	15,00	3	45,00
Tinta de impressora P/B	Cartucho	50,00	2	100,00
Transporte	Diária	10,00	5	50,00
Cinegrafista	Diária	(pacote)	4	550,00
Direção e Roteiro	Diária	-	-	-
Edição	Diária	(pacote)	5	1000,00
<b>Valor Total (R\$)</b>				<b>1.813,00</b>



